

Representações das identidades femininas no rap: as protagonistas do documentário “Minas dos Becos do Monte”^{1 2}

LISBÔA FILHO, Flavi F. ³

STEFFEN, Lauren⁴

BASTOS, Tatiana⁵

Universidade Federal de Santa Maria (RS)

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir as representações das identidades femininas no rap, compreendidas como um enfrentamento aos discursos hegemônicos, protagonizados pelos valores masculinos. O objeto de análise é composto pelas personagens femininas do documentário “Minas dos Becos do Monte”, protagonizado por quatro mulheres representantes da cultura hip hop e do rap da cidade de Santa Maria (RS), que narram suas trajetórias, concepções e participações no movimento. Este trabalho ancora-se na perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais e nas especificidades do documentário para analisar a construção dessas representações na produção audiovisual. Por meio da análise, verificou-se que as protagonistas do documentário encontram em suas letras, suas histórias de vida e seu trabalho no rap um meio para despertarem a conscientização sobre seu papel e seu lugar de fala dentro do movimento.

Palavras-chave

Estudos Culturais; representações; identidades femininas; rap; documentário.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Este trabalho deve ser avaliado não somente para apresentação no GP Comunicação e Culturas Urbanas, como também para o livro “Comunicação e culturas urbanas: juventude, cidade, consumo e ativismos”.

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. E-mail: flavi@ufsm.br.

⁴ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: lauren.steffen@gmail.com.

⁵ Graduada em Comunicação Social - Relações Públicas pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: bastosfati@gmail.com.

Considerações iniciais

As mulheres do rap lutam pela representação de suas identidades e contribuem, através da expressão artística e política, para a construção da cultura e do movimento hip hop. Considerando as estruturas sociais conduzidas pela lógica sexista e patriarcal e a exclusão das práticas culturais periféricas e alternativas, a batalha das mulheres do rap por reconhecimento tensiona as normas hegemônicas e os modos de dominação patriarcal, reivindicando um espaço de participação ativa, que as reconheça enquanto sujeitos e não desfavoreça suas lutas.

Diante deste cenário, este artigo tem como objetivo discutir as representações das identidades femininas do rap na cidade de Santa Maria (RS). Inicialmente, abordamos as culturas e as identidades contra-hegemônicas, marginalizadas e silenciadas e suas lutas por afirmação dentro dos espaços de representação. Em seguida, buscamos compreender a contribuição do movimento hip hop e, mais especificamente, do rap para a construção das identidades femininas. O objeto de análise desta pesquisa é a produção audiovisual “Minas dos Becos do Monte: documentário sobre a representação das identidades femininas no espaço do rap santa-mariense”⁶, resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da autora Tatiana Bastos, defendido na Universidade Federal de Santa Maria no ano de 2018.

A análise será desenvolvida a partir dos conceitos de cultura, identidade e representação sob a ótica dos Estudos Culturais e também a partir das especificidades relativas ao gênero documentário. A partir da análise do documentário, será realizado um mapeamento das quatro personagens femininas que protagonizam a produção, evidenciando sua história de vida e suas representações dentro do cenário do rap da cidade de Santa Maria (RS). Dessa forma, pretendemos evidenciar como essas identidades minoritárias se constituem dentro de um cenário que já é socialmente marginalizado, problematizando suas formas de resistência dentro de um movimento marcadamente machista e patriarcal.

1. O rap como cultura contra-hegemônica

⁶ O documentário está disponível para acesso em <https://www.youtube.com/watch?v=WIpcI9VMoMs&t=30s>.

Rap, sigla para “rhythm and poetry”, pode ser compreendido como “ritmo e poesia” ou “rima e poesia” e representa a prática artística em que os denominados MCs (Mestres de Cerimônia) ou rappers (MATSUNAGA, 2006) cantam letras e rimas que narram realidades de diferentes épocas e sujeitos, denunciando desigualdades e buscando espaços de representação. Souza (2004) aponta que as principais influências do rap em termos de estilo e discurso provêm dos estilos soul e funk, representados por nomes como James Brown e Marvin Gaye.

Constituído como um dos principais elementos do movimento hip hop, o rap vivencia o preconceito e a negação por parte das classes dominantes, que negam os discursos e o espaço reivindicado pelo rap enquanto manifestação artística e cultural. França & Prado (2010, p. 4) afirmam que “[...] a exclusão da produção cultural da periferia não se faz — ou não se justifica — por ser de periferia, mas por não atender aos critérios de valorização que vigoram e são aceitos consensualmente”. Silva (1998, p. 239) afirma que “a posição expressa pelos rappers não é uma mera retórica de mercado, mas um questionamento mais profundo da ordem social”, destacando o papel social do rap dentro das produções artísticas e musicais.

José Carlos Gomes da Silva (1998, p. 37) afirma que o rap “se prende a fusões culturais e reelaborações musicais relacionadas à tradição cultural afro-americana no contexto das transformações tecnológicas contemporâneas” e que as “múltiplas influências foram redefinidas no contexto do movimento hip hop nova-iorquino onde de fato o rap se constituiu”. As letras de rap narram as realidades e o cotidiano vivido na periferia e denunciam a repressão e a violência policial, o racismo, a exclusão e a desigualdade social. Observam-se letras de reivindicação e resistência, em resposta à opressão, ressaltando o empoderamento e a superação. É importante mencionar que o rap e o movimento hip hop também podem reproduzir violências, incluindo o machismo e o silenciamento vivenciados e descritos pelas mulheres entrevistadas no documentário “Minas dos Becos do Monte”. Portanto, trata-se de uma cultura em que homens ainda têm mais respeito e reconhecimento do que as mulheres.

O conceito de cultura é debatido por diversos campos de pesquisa, como a sociologia, a antropologia e a psicologia, que vêm ampliando a compreensão e os

diferentes entendimentos do termo. Cultura é uma temática importante para os Estudos Culturais, que buscam entendê-la enquanto aquilo que produz sentido e enquanto práticas de indivíduos comuns, processos, hábitos, costumes e leituras de mundo pelas quais se organizam os grupos sociais, rompendo com o conceito elitizado de cultura enquanto prática de uma camada exclusiva da sociedade, e sim enquanto processos sociais e práticas populares. Os Estudos Culturais objetivam compreender o conceito de cultura em seu “uso antropológico” como “um modo de vida” (CEVASCO, 2003, p. 11)

Cultura pode ser compreendida como os processos, hábitos e lógicas pelos quais se organizam os grupos sociais, como tudo aquilo que produz sentido, ampliando-se ao nível global, quando as práticas culturais ultrapassam fronteiras e territórios. Cultura deve ser pensada num sentido amplo, reconhecendo-se sua diversidade característica, suas práticas e processos. Kathryn Woodward (2000, p. 42) defende que,

Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende por ‘cultura’.

Em cada contexto cultura, são definidos, assim, os valores e normas a partir dos quais os fatos do mundo serão compreendidos e classificados. Desse modo, é preciso compreender o papel da hegemonia na conformação de normas dominantes dentro de determinado meio social. Gramsci (apud WILLIAMS, 1979) compreende o conceito enquanto um conjunto de forças políticas, sociais e culturais que representam poder e influência em nossas identidades, práticas e organizações sociais. Inicialmente, o termo era relacionado à ideia de poder ou domínio político e a relação entre Estados. Foram as teorias amparadas no marxismo que compreenderam o termo em sua relação com os processos e relações entre as classes sociais. A hegemonia é um processo que interfere e sofre interferências pelas nossas visões de mundo e de nós mesmos, assim como atua diretamente sobre nossos sentidos. De forma complementar, Williams (1979, p. 113) compreende hegemonia enquanto um “sistema vivido de significados e valores -

constitutivo e constituidor”, que, na prática social, parece confirmar a “realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta”.

A hegemonia, sendo um processo, apresenta um formato diferente de um poder que impõe, domina ou doutrina ativamente, sendo, na verdade, muito mais subjetiva, atuando de forma invisível na organização social, inserindo seu controle sobre a consciência a partir de formas que parecem, na realidade, com o “normal” ou como o naturalmente posto para a maioria das pessoas. Para isso, ela se recria e se renova, inclusive integrando as pressões e as reações que desafiam sua resistência (WILLIAMS, 1979).

O hegemônico, portanto, convive com suas formas opostas, controlando e sendo desafiado por elas. O contra-hegemônico, assim, são aqueles processos contrários à luta estabelecida pela hegemonia na sua manutenção e permanência. As forças contra-hegemônicas desafiam e constroem-se resistentes à hegemonia dominante. Entendemos as identidades femininas e a luta por afirmação e representação das mulheres do rap como lutas contra-hegemônicas, pois atuam de modo contrário ao discurso masculino dominante. Em outras palavras, resistem, enquanto culturas urbanas e práticas culturais periféricas, ao que é produzido pela considerada cultura dominante, que atua como norma.

De modo geral, estas lutas travadas fazem parte do processo hegemônico, que as posiciona sempre em um espaço de contrário ou desviante, de maneira pejorativa; mas à medida que estas práticas ou visões de mundo se inserem na sociedade de maneira mais presente, a hegemonia tende a “controlá-las, transformá-las ou mesmo incorporá-las” (WILLIAMS, 1979, p. 116). Muitas vezes, estes discursos, contrários às normas, são desacreditados e silenciados. É nesse espaço de resistência que estão presentes as identidades contra-hegemônicas.

Os Estudos Culturais buscam contemplar a compreensão desses rompimentos com a hegemonia, que são “posicionamentos marginalizados, que resistem e lutam pela existência daquilo que a hegemonia busca controlar, invisibilizar ou descartar”. As identidades femininas, como veremos no item a seguir, constituem-se como identidades

de resistência dentro do rap, um movimento que, mesmo sendo minoritário na sociedade, concede ainda hoje mais reconhecimento às vozes e aos valores masculinos.

2. Representações das identidades femininas no rap

A representação dá sentido às identidades a partir dos valores simbólicos e de formas materiais que fazem parte da vida dos atores sociais. São as ideias, ideologias e formas de pensamentos que nos fazem sentir representados por determinados discursos. É a partir de itens e imagens que vemos nossos modos de nos posicionarmos socialmente e culturalmente representados e reconhecidos dentro dos espaços sociais. Assim, na representação de práticas culturais e sujeitos, nossas identidades ganham sentido e são incluídas ou omitidas a partir dos significados atribuídos por sistemas classificatórios. Conforme Hall (1997, p. 26-27),

[...] devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles).

São os significados atribuídos pela representação que atuam sobre a regulação da vida social, implicando na forma como construímos e assumimos nossas identidades, nas maneiras como nos relacionamos socialmente, em nossas expressões e nossas vivências. São os modos em que amparamos nossas identidades que refletem na representação que fazemos de nós mesmos. Da mesma forma, buscamos grupos e culturas que nos representem, partindo de como e com o que nos identificamos.

As identidades são espaços de construção e transformação, que marcam, simbolicamente, nossas práticas sociais, características, hábitos e maneiras de comunicarmos quem somos. As identidades são posicionadas socialmente pelos sistemas de representação. Conforme apontado por Silva (2000, p. 90), “a representação é concebida como um sistema de significação, dentro do qual é possível avaliar as práticas sociais e constatar sua existência”. É nesse sentido que classificamos aquelas identidades aceitas ou não, o que é incluído ou excluído dentro da ideia de divisão social.

As identidades são diretamente marcadas pela cultura, entendida enquanto processos sociais, e influenciadas pelos modos de vida que determinam as maneiras de nos identificarmos, indicando as diferentes posições que podemos assumir diante dos grupos sociais. Estas escolhas por formas que nos representem, apesar de serem assim denominadas, não são alternativas totalmente livres, visto a normatização social e os diferentes elementos que reforçam ou silenciam nossos diferentes posicionamentos. Hall (1997, p. 26 e 27) aponta que

[...] devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles).

Dessa forma, o termo “identidade” compreende as formas e posições que nós, enquanto atores sociais, podemos assumir e que podem ser incluídas ou excluídas conforme os sistemas classificatórios e os significados que permeiam as sociedades.

As identidades femininas do rap, entendidas como contra-hegemônicas neste trabalho, apresentam um discurso que enfrenta e resiste às culturas dominantes e ao discurso predominantemente masculino. Este trabalho compreende a noção de identidades femininas do rap de forma plural, por terem suas personagens uma “bagagem de vivências e posicionamentos”. A representação das identidades das mulheres do rap é um espaço de constante disputa e negociação, compreendendo lutas pela validação e afirmação de uma cultura negligenciada, excluída e ignorada pelos termos da hegemonia. Estas identidades são invisibilizadas e silenciadas pelo sistema machista e patriarcal, “resultando em identidades minoritárias dentro de uma cultura que, por si só, já é marginalizada” (BASTOS, 2018, p. 23).

As identidades femininas do rap buscam romper com os códigos e normativas hegemônicos presentes no movimento hip hop, os quais são contestados por muitas de suas integrantes que não se veem representadas dentro de um cenário que ainda é majoritariamente ocupado e protagonizado pelo discurso masculino. Por isso, torna-se necessário retomar brevemente os estudos sobre o conceito de gênero e as lógicas

produzidas na sociedade para se discutir as posições que as mulheres ocupam nestes espaços de representação.

Joan Scott (1995) percorre os diferentes usos da palavra “gênero”, seus diferentes significados e referências teóricas. A autora compreende que o termo pode ser utilizado em substituição à palavra “mulheres”, complementando que o gênero “inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça” (SCOTT, 1995, p. 75). Esta foi a tentativa de inserir o campo de estudos e legitimá-lo, dadas as barreiras ao se inserir temáticas de estudo referentes às mulheres, buscando um espaço para se inserir realidades para além do hegemônico e que não eram contempladas pelas pesquisas e estudos existentes, reforçando as desigualdades e invisibilidades.

Scott (1995) afirma que “gênero também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos, [...], torna-se uma forma de indicar ‘construções culturais’ - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (SCOTT, 1995, p. 75). A autora compreende que,

O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995, p. 86).

Rodrigues (2013) compreende o termo enquanto “sistema de significados, um processo no qual se constrói diferenças sexuais que são muitas vezes determinantes nos modos de vida dos indivíduos” (RODRIGUES, 2013, p. 40). Assim, entende-se que as relações de gênero permeiam as culturas em que estamos inseridos, impactando em nossos sistemas e modos de vida, que são comunicados aos sujeitos em diversos sentidos por todo o processo de socialização e construção de identidades (BASTOS, 2018). Dessa forma, as temáticas que englobam as identidades femininas compreendem lutas políticas pela validação e representação desses sujeitos.

Compreende-se ainda que a categoria de gênero não deve estar desvinculada das compreensões sobre “classe, raça e etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a ‘identidade’ como tornam equívoca a noção singular de identidade”

(BUTLER, 2003, p. 21). Compreender as identidades femininas como posições marcadas simbolicamente (WOODWARD, 2000) significa evidenciar que o machismo e a violência de gênero são vivenciados por todas as mulheres, mas o preconceito relacionado às diferentes categorias como etnia, raça e classe resultam de diferentes modos de opressão vivenciados pelas mulheres.

É a partir destas vivências que as mulheres do hip hop reivindicam sua participação e seu espaço, denunciando as repressões que vivem dentro do movimento. Em termos gerais, as leituras e representações feitas do rap se dão a partir das práticas de sujeitos hegemônicos (masculinos), reforçando a importância de se refletir as questões levantadas pelas mulheres que fazem parte do movimento, em busca de representações de suas histórias e contribuições.

Observa-se que as letras produzidas por mulheres do rap trazem questionamentos acerca do poder exercido pelos homens em tom de denúncia, visto que muitas destas questões são omitidas dentro do discurso majoritário do movimento hip hop. O rap torna-se, assim, um projeto político em que as MCs se utilizam de discursos que ressaltam a força feminina, os espaços de periferia e seus lugares de origem, a resistência e a denúncia às violências e o preconceito, além de relatar a invisibilidade de suas múltiplas vivências e narrativas.

As mulheres do rap denunciam as violências e boicotes que sofrem em espaços do hip hop, bem como em suas práticas do dia a dia. Enfrentam o medo, as duplas e triplas jornadas, a violência doméstica, o racismo, o estupro, a pobreza, a solidão, a violência estética, a gordofobia e a LGBTfobia. No próximo item, analisaremos as representações das identidades femininas no documentário “Minas dos Becos do Monte”, evidenciando como as quatro protagonistas se constituem dentro do movimento em Santa Maria (RS) e quais os meios que encontram para resistir em um cenário que insiste em torná-las invisíveis.

3. A concepção do documentário “Minas dos Becos do Monte”

O documentário “Minas dos Becos do Monte” reflete as representações das identidades femininas no espaço do rap santa-mariense, sendo resultado do Trabalho de

Conclusão de Curso da autora Tatiana Bastos na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no ano de 2018. A escolha pela categoria de documentário se justifica pela perspectiva de se expandir as reflexões acerca do rap, obtendo alcance além dos limites do meio acadêmico, proporcionando maior espaço de discussão. Além disso, acredita-se importante narrar e representar as histórias das mulheres aqui apresentadas a partir de suas próprias falas e da descrição de suas trajetórias e suas diferentes participações no rap, refletindo sobre o espaço ocupado pelas mulheres no movimento hip hop e no rap, bem como suas representações.

O documentário é compreendido enquanto categoria audiovisual, podendo ser classificado, conforme aponta Nichols (2005), enquanto duas categorias distintas: o gênero “ficção”, representando a imaginação e os sentidos, e o gênero “documentário de representação social”, que são as produções que “representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos” (NICHOLS, 2005, p. 26). O documentário “Minas dos Becos do Monte” é compreendido enquanto documentário de representação social, por sua natureza não-ficcional, que retrata visões das realidades vivenciadas pelas personagens.

Conforme Nichols (2005, p. 27), “os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos”, o que é essencial para este trabalho no sentido de se refletir o papel do documentário na representação das identidades e culturas, em especial aquelas silenciadas pelo discurso hegemônico e pelas normativas culturais excludentes. Além dos gêneros de audiovisual anteriormente mencionados, Nichols (2005) apresenta seis subgêneros que classificam o documentário de representação social: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. É importante ressaltar que um mesmo documentário pode apresentar diferentes subgêneros que interagem entre si na construção da narrativa.

O documentário “Minas dos Becos do Monte” é compreendido enquanto expositivo, pois “dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história” (NICHOLS, 2005, p. 142). Dessa forma, buscou-se construir a narração das histórias das

personagens a partir de sua própria ótica acerca da representação de suas identidades no movimento em que estão inseridas.

A escolha por cenários foi feita a partir de espaços que fossem representativos para as personagens no processo de narração de suas histórias. São espaços como a Praça de Bombeiros e o Centro Desportivo Municipal, que servem como palco para a realização de eventos da cultura hip hop, e espaços na região Oeste da cidade de Santa Maria, onde as personagens residem e situam grande parte de suas práticas sociais e culturais. O documentário também apresenta trechos situados em um bar da cidade, que costuma receber atrações de diferentes segmentos musicais.

4. As protagonistas em “Minas dos Becos dos Montes”: representações e resistências

Quatro personagens femininas protagonizam o documentário “Minas dos Becos do Monte”. Estas mulheres fazem parte do movimento hip hop da cidade de Santa Maria e nele atuam ativamente através de várias práticas artísticas distintas, como o beatbox, as batalhas de rimas, a composição de letras e músicas autorais e na construção de coletivos, oficinas e eventos de hip hop.

Gabriele Belinazzo (Nazo) é natural de Santa Maria e se descreve como uma mulher que resiste. Nazo teve seu primeiro contato com o rap aos 14 anos e iniciou sua participação no rap fazendo beatbox, no ano de 2014 na Batalha dos Bombeiros⁷. Sobre sua participação no movimento, ela relata que atua ativamente na organização de eventos de hip hop, no beatbox e nas rimas. Para ela, o rap é fundamental para a construção de sua identidade. Afirma que o rap trouxe motivação e respostas para muitas de suas questões e que representa uma cultura de união e de resgate das pessoas de muitas realidades difíceis, como a violência, o tráfico e a prostituição. Compreende que o rap, apesar de ainda ser um movimento marcado pelo preconceito, é uma cultura de todos que “honram esse compromisso”. Sobre ser mulher no movimento hip hop,

⁷ A Batalha dos Bombeiros é um projeto organizado pelo Coletivo de Resistência Artística Periférica (CO-RAP), que ocorre mensalmente desde 2012, nas segundas sextas-feiras de cada mês, na Praça dos Bombeiros. A batalha consiste no duelo entre MCs através das rimas improvisadas, cuja temática pode ser livre ou pré-estabelecida pelos organizadores.

Nazo reconhece as lutas e dificuldades de se inserir ativamente, visto que as mulheres sempre estiveram presentes, mas permanecem invisibilizadas. Dessa forma, afirma a importância da representação das mulheres no rap para que resistam, se façam ouvir e, assim, promovam mudanças.

Letícia Xavier (MC Leti), também natural de Santa Maria, é artista urbana, MC, cantora e compositora e se descreve como “única”. Leti relata que seu primeiro contato com o rap aconteceu em casa, ao ouvir Racionais e reconhecer nas rimas relatos semelhantes aos que ela vivenciava. Assim, iniciou sua participação no movimento hip hop, manifestando suas letras em oficinas de hip hop que aconteciam na escola em que estudava. Leti passou a participar ativamente de coletivos artísticos, escrever suas próprias letras e a rimar na Batalha dos Bombeiros.

Leti relata a transformação que o rap promoveu em sua vida, trazendo autoestima, foco e força de vontade. Tem como projeto expandir seu trabalho e alcançar espaços além da cena da cidade de Santa Maria. Acredita na importância de se valorizar as mulheres no rap, pois elas também ajudam a construir o movimento. Reflete que, apesar de as mulheres ainda não ocuparem os espaços hegemônicos de representação do rap, estão presentes desde sempre, movimentando o cenário.

Justina Monteiro (MC Monteiro) nasceu em Santa Maria, é MC, compositora e rimadora de batalhas de rap. Justina se descreve como uma mulher muito forte, apesar da aparente fragilidade, o que se deve, segundo ela, às suas vivências e sua determinação. Seu primeiro contato com o rap aconteceu na infância, visto que o estilo fazia parte da sua rotina e ela viu que podia se identificar e aprender sobre a própria realidade através das letras. Por se identificar com a música, Justina começou a fazer rimas de improviso e hoje tem como objetivo “fazer rap”. Relata a referência de força feminina que vê na figura da mãe e que aprendeu com as lutas enfrentadas por ela. Acredita que agora é o momento das mulheres na cena hip hop e que o rap feminino se expandiu muito, resistindo ao preconceito. Isso a motivou a expressar em suas letras suas ideias e revoltas e também a falar, através das rimas, sobre coisas boas e sobre sua própria essência.

Gabriele Paim (MC Gab) é natural de Santa Maria e se define como “freestyleira”, ou rimadora de improviso. Seu primeiro contato com o rap se deu na convivência com os amigos que já conheciam o estilo. Gab relata que conhecer e se aproximar de mulheres da cultura hip hop a motivou a participar do movimento e começar a fazer rap. Assim, em 2014, Gab começou a rimar na Batalha dos Bombeiros. Para ela, o rap representa uma cultura do povo, da periferia, que faz oposição às culturas burguesas e excludentes. O rap traz discussões sobre as vivências e as dificuldades enfrentadas no dia a dia. Para Gabriele, fazer rap é falar sobre os temas que precisam ser ditos, trazer mensagens em suas rimas, isto é, sua característica está em ser de todos. Gabriele acredita que as mulheres estão ocupando mais espaços no rap e afirma que é preciso resistir e não recuar.

Considerações finais

O artigo buscou discutir as representações das mulheres do rap da cidade de Santa Maria (RS) através dos relatos e vivências de quatro mulheres pertencentes ao movimento hip hop e ao rap da cidade apresentadas no documentário “Minas dos Becos do Monte”. Para a discussão, foram desenvolvidos, no item 1, os conceitos de cultura e identidade contra-hegemônica, evidenciando as lutas por visibilidade e reconhecimento travadas dentro do movimento. O item 2 traz o conceito e o posicionamento do rap enquanto prática cultural e política e sua relação com a construção das identidades femininas. No item 3, é feita uma descrição do processo de concepção do documentário “Minas de Becos do Monte” e, por fim, no item 4, analisamos as representações das identidades femininas no rap da cidade de Santa Maria (RS) a partir das histórias e falas das protagonistas da produção documental, as quais permeiam a construção de suas identidades.

A análise permitiu compreender que o rap é uma cultura de resistência frente às forças hegemônicas e as culturas de elite, mas engloba e reproduz opressões e ideias das culturas dominantes. As mulheres do rap vivenciam a reprodução do machismo, o silenciamento e a violência de gênero dentro do próprio movimento hip hop, da mesma forma que o racismo e o genocídio da população negra, as desigualdades de classes, a

LGBTfobia, a gordofobia e os padrões estéticos agridem os diferentes corpos, constituindo-se em mecanismos hegemônicos que pressionam os sujeitos a adequarem-se às lógicas do sistema capitalista, invisibilizando e excluindo discursos minoritários.

As mulheres do rap representam um grupo de luta e resistência na afirmação de sua identidade, atuando de forma ativa na construção da cultura hip hop. Demonstram que, no interior de movimentos socialmente marginalizados, como o hip hop, também há sujeitos que sofrem opressão e preconceito. É possível afirmar, por fim, que, em meio às estruturas sexistas e opressoras do rap, as protagonistas do documentário fazem uso de suas letras para expressar sua revolta, de suas histórias de vida para encontrar forças para resistir e de seu trabalho na construção do movimento para despertarem a conscientização sobre seu papel e seu lugar de fala.

Referências

BASTOS, Tatiana F. **Minas dos Becos do Monte**: documentário sobre a representação das identidades femininas no espaço do rap santa-mariense. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2003.

FRANÇA, Vera V.; PRADO, Denise F. B. **Produções Culturais de Periferia**: Legitimidade e tensões, 2010.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, 1997.

MATSUNAGA, Priscila S. **Mulheres no hip hop**: Identidades e representações. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP, 2006.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

RODRIGUES, Maria Natália Matias. **Jovens mulheres rappers**: reflexões sobre gênero e geração no movimento hip hop. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, PE, 2013.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, pp. 71-99, 1995.

SILVA, José Carlos G. **Rap na cidade de São Paulo**: música, etnicidade e experiência urbana. Campinas, Tese de Doutorado, IFCH, Unicamp, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SOUZA, Ana R. M. de. **A favela de influência**: Uma análise das práticas discursivas dos Racionais MCs. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Lingüística, Universidade Estadual de Campinas, SP, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 1º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.